



Em jeito de Editorial...

Nos 330 anos da Fundação da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira

As próximas conferências do ICEA

D. Nuno Álvares Pereira

Colaboração da ADDPCTV

Uma fotografia Ericeirense

Agenda do Oceano

Um NotICEAs diferente... Um NotICEAs em jeito de telegrama! Para pôr os papéis em ordem... Claro que temos a participação da ADDPCTV... E a "Fotografia Ericeirense"... E a Agenda do Oceano...

É mais um NotICEAs em cheio!!!



Da Monarquia Constitucional à República

Sessão conjunta ICEA - Academia Portuguesa da História

16 Maio 2009

Auditório da Casa de Cultura Jaime Lobo e Silva - Ericeira

Programa

10.30 - Recepção aos participantes

11.00 - Abertura pelos Presidentes da APH e do ICEA

11.15 - "A 'Isleta de República' e os valores republicanos"
Prof. Doutor António Reis (Universidade Nova de Lisboa)

12.00 - Os partidos políticos monárquicos (1900/1910)
Professor Doutor António Ventura (Fac. de Letras de Lisboa / Academia Portuguesa da História / ICEA)

15.30 - Projectos de República antes da República
Prof. Doutor Ernesto Castro Lara (Faculdade de Letras de Lisboa / Academia Portuguesa da História)

17.00 - Reformismo religioso e revolução política: igrejas e atitudes religiosas
Prof. Doutor António Sérgio Pereira (Faculdade de Letras de Lisboa / Centro de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa)

18.00 - Encerramento

ENTRADA LIVRE

ORGANIZAÇÃO: ICEA Instituto de Cultura Europeia e Atlântica

APÓIOS: ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA, PH/LIS, VÍCIO 2008, etc.

WWW.ICEA.PT

Ciclo de Conferências

NOS 330 ANOS DA FUNDAÇÃO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DA ERICEIRA

Foram muito interessantes e participadas as duas primeiras sessões, realizadas nos 7 e 21 de Março, deste ciclo de conferências comemorativo dos 300 anos da fundação da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira.

No dia 7 o tema foi a **Caracterização da Nova Situação Social** (Caracterização Demográfica, Ordenamento do Território) e no dia 21 os **Novos Desafios da Solidariedade Social - Apoio das ONG à Nova Situação Social** (Perspectiva da União das Misericórdias, Perspectiva da Igreja, Papel do Voluntariado, Papel da Segurança Social e O Hospital da Misericórdia da Ericeira).

Agora, é aguardar por meados de Setembro, para assistir à última sessão. Está agendada para o dia 26 de Setembro e versará sobre a "História das Misericórdias".

Ciclo de Conferências 330 anos
Santa Casa da Misericórdia da Ericeira

Auditório Casa de Cultura Jaime Lobo e Silva

7 MARÇO 2009
CARACTERIZAÇÃO DA NOVA SITUAÇÃO SOCIAL

21 MARÇO
NOVOS DESAFIOS DA SOLIDARIEDADE SOCIAL APOIO DAS ONG À NOVA SITUAÇÃO SOCIAL

26 SETEMBRO
HISTÓRIA DAS MISERICÓRDIAS

ENTRADA LIVRE

WWW.ICEA.PT

As Próximas Conferências do ICEA



Estão previstas, para o próximo mês de Maio, duas conferências.

A 16 de Maio, numa sessão conjunta com a Academia Portuguesa da História, vamos abordar “Da Monarquia Constitucional à República”; a 30 de Maio, numa sessão conjunta com a Academia de Marinha, e em Ano Internacional da Astronomia, vamos celebrar os 400 anos das primeiras observações de Galileu Galilei.

A não perder!

Mais informações: <http://www.icea.pt/Eventos.htm>



D. Nuno Álvares Pereira

No próximo dia 26 de Abril, Nuno Álvares Pereira vai ser canonizado. O Condestável junta-se a Santo António de Lisboa e à Rainha Santa Isabel no restrito grupo, é apenas o sétimo, dos santos portugueses. O ICEA associa-se ao evento disponibilizando, nesse dia, no nosso site as comunicações apresentadas nas Conferências do Casino que decorreram a 27. Março. 2004 e que foram lhe dedicadas: *D. Nuno Álvares Pereira: o Homem e a Memória*.

Colaboração da ADPCTV

O ICEA e o NotICEAs, tiveram “direito” a notícia no blogue que a Associação para a Defesa e Divulgação do Património Cultural de Torres Vedras tem sobre as Linhas de Torres. Para quem quer saber mais, aqui vai o endereço: <http://linhasdetorres.blogspot.com>

Aos nossos amigos torreenses um abraço e a promessa de que este intercâmbio outros frutos dará. Trabalhemos para tal!

Colaboração da ADDPCTV

VII - A 3ª INVASÃO FRANCESA E AS LINHAS DE TORRES VEDRAS

*Manuela Catarino **

Na sequência da derrota das forças napoleónicas na Batalha do Douro (12 de Maio de 1809), prevendo nova invasão, as atenções de Sir Arthur Wellesley, concentraram-se em dois objectivos principais: garantir a segurança do embarque das forças britânicas, que se faria junto a Lisboa, e, por outro lado, delinear a sua defesa criando diversos pontos de bloqueio nos principais eixos de acesso à cidade.

As “poderosas linhas de alturas que se erguem na região de Torres Vedras”, bem como os estudos topográficos feitos por Neves Costa, suscitaram a Sir Arthur o Memorando de 21 pontos enviado para o Coronel Richard Fletcher onde apresentava, de forma pormenorizada, as obras a construir naquele espaço e que ficaram para sempre designadas por “Linhas de Torres Vedras”.

Durante um ano fizeram-se os trabalhos necessários, contando com cerca de cento e cinquenta mil camponeses, arregimentados na região, sob as ordens de dezoito oficiais e cento e cinquenta sargentos ingleses. No total, o custo da obra rondou as cem mil libras, preço bem inferior a qualquer outra semelhante, ainda que tenham sido construídas cinquenta milhas de fortificações, onde se destacavam cento e cinquenta e dois fortes com seiscentas peças de variado calibre.

A linha de redutos, mais próxima de Lisboa, destinava-se a proteger S. Julião da Barra, onde se efectuariam o embarque inglês, devidamente protegido por forças da retaguarda. A mais afastada principiava em Alhandra, junto ao rio Tejo, aproveitando as elevações do terreno, particularmente do Cabeço de Montachique, continuando depois em direcção a Arruda e Sobral de Monte Agraço, até se ligar aos fortes construídos junto à vila de Torres Vedras, onde se destacava o Forte de S. Vicente, prosseguindo com mais vinte e cinco redutos até à foz do rio Sizandro.

Estavam assim estrategicamente bloqueadas as entradas em Lisboa a qualquer força invasora que viesse do norte. E os franceses preparavam, de facto, nova invasão. O Marechal André Massena reuniu 65000 homens, contando ainda com apoio de forças espanholas, e iniciou a marcha em direcção à fronteira portuguesa. Por sua vez, Sir Arthur organizava as tropas anglo-lusas, em que se incorporavam 18000 ingleses e 14000 portugueses, preparando-se para enfrentar o inimigo, obrigando-o a “atacar com as suas forças concentradas (...) permitindo assim que as populações evacuem cidades, vilas e aldeias (...)

destruindo tudo no seu caminho.” Era a estratégia de terra-queimada que obrigava a um êxodo das populações e à destruição de tudo quanto pudesse ser útil ao invasor, desde espaços construídos a alimentos e outras formas de subsistência...

Em Julho de 1810, Massena e os seus soldados entram em Portugal. Espera-os um “Exército de Linha” que repele todas as tentativas de avanço dos franceses na forte serra do Buçaco. Entretanto Sir Arthur conclui os seus planos de defesa e aguarda a chegada dos franceses, retirando-se para as posições da primeira linha de Torres Vedras, onde estaciona a 10 de Outubro de 1810.

É o próprio Massena que faz o reconhecimento das linhas, a que chega no dia 15 de Outubro, e não terá gostado de encontrar algo que nenhum dos relatórios enviados pelo seu estado-maior lhe dera a conhecer. Também não terá contado com a rebelião que se instala entre os seus Generais mais próximos, agravada com novos desaires na zona do Sobral, o número de doentes que aumentava entre os seus homens, o peso da derrota no Buçaco. Massena terá sentido os indícios de uma nova situação desvantajosa, e as suas indecisões terão aumentado com a perspectiva de enfrentar quatro longos meses de Inverno, com a fome que começaria a grassar entre os soldados.

A situação não era fácil para as tropas aliadas, conforme nos demonstram os preciosos informes deixados por Manuel Agostinho de Madeira Torres ao salientar a intensidade da chuva que se abateu sobre a vila nos dias 7 e 8 daquele mês de Outubro. Foram enormes as perdas em vinho e azeite nos celeiros públicos e privados, a destruição das casas e cartórios públicos, bem como o saque das igrejas da vila e termo a que se veio juntar uma epidemia tão mortífera que houve necessidade de ampliar o espaço de cemitério junto à Igreja de S. Miguel para dar digna sepultura a quantos a peste matava.

A ameaça manteve-se durante semanas, com as tropas francesas nas suas posições até meados do mês de Novembro. Ao alvorecer do dia 15 foi notada uma estranha imobilidade das sentinelas francesas. Um reconhecimento mais próximo revelou o que se passava - eram bonecos de palha! Aproveitando a escuridão da noite, Massena havia retirado ...

Mais uma vez, a estrela de Napoleão sofria um forte abalo no seu pretendido fulgor!

* Professora

VIII - JACINTO CORREIA, UM HERÓI POPULAR

*Major Abílio Pires Lousada **

Fronteira de Segura - Beira Baixa, 20 de Novembro de 1807. À frente de um exército de 26500 homens, o general francês Andoche Junot invadiu Portugal para conquistar Portugal.

Lisboa, 30 de Novembro de 1807. Junot entra, com o seu exército, em Lisboa, instala-se no palácio do barão de Quintela e assume a governação de Portugal em nome do imperador Napoleão Bonaparte. Um exercício de poder que se revelará despótico e instigará as populações à revolta.

Lugar de Atouguia, Gorcinhos - Mafra, finais de Janeiro de 1808. Ao final da manhã, o jornalista Jacinto Correia, habitante da área, de 46 anos, casado e com filhos, dirige-se, como habitualmente, para casa com o produto do seu trabalho. No caminho, é abordado bruscamente por dois soldados franceses que o pretendem roubar. Jacinto Correia não teme e não cede, segue-se uma violenta luta entre os três homens. O jornalista salioio, homem de rija têmpera e habituado ao trabalho duro do campo, habilmente e com raiva, brande a foice roçadora que transporta e golpeia mortalmente os dois soldados que o atacaram.



Memória de Jacinto Correia, erguida em 2008, no jardim fronteiro à porta de armas da Escola Prática de Infantaria de Mafra

Em pouco tempo, uma força militar francesa detém Jacinto Correia, que é presente a tribunal e julgado num Conselho de Guerra.

Apesar de algumas autoridades locais tentarem o perdão do jornalista, o Tribunal empurrou o processo para uma incriminação do réu, que impunha punir exemplarmente.

Em determinada altura do julgamento, porque o jornalista apresentava uma atitude de serenidade e desafio, foi-lhe perguntado por Loison, comandante militar francês da região, “se o arrependimento já tinha exercido algum efeito no seu espírito”. A resposta, tão convicta como desconcertante, “se todos os Portugueses fossem como eu, não ficaria um francês vivo”, enraiveceu Loison.

Jacinto Correia foi condenado à morte e fuzilado no campo da Alameda, no topo sul do Convento de Mafra, a 25 de Janeiro de 1808.

Tratou-se de um acto heróico, que correu célere de boca em boca. Junot, temendo que a atitude

patriótica do «mafrense» estimulasse ânimos e ódios para provocações futuras, publicou uma semana depois a notícia da execução de Jacinto Correia:

«Um dos vossos compatriotas, Jacinto Correia, convencido de um grande crime, foi condenado á morte; Esta severidade das leis assegura a tranquilidade pública de que dependem as vossas vidas e propriedades.»

Gazeta de Lisboa, 1 de Fevereiro de 1808

Notícia viciada e ameaçadora. Jacinto Correia «convencido de um grande crime»? Executou-se um homem de bem para tranquilizar as pessoas? Não se falou do pacato e honesto trabalhador, do cidadão de fé que auxiliava os frades do Convento ou do homem de família; ignorou-se copiosamente que se limitara a defender-se, a si e aos seus bens e, sobretudo, escondeu-se que Jacinto Correia desafiara o Tribunal e exortara os seus concidadãos a serem como ele: “(...) nem um só francês ficaria vivo”.

Era um acto isolado, Junot e Loison sabiam-no bem, e o incidente ocorrera em legítima defesa. Pouco importava, e tanto bastava para fazer dele um exemplo de intimidação para quem não colaborasse ou se opusesse ocupação napoleónica.

Era um acto isolado, pensaram Junot e Loison. Sê-lo-ia, mas por pouco tempo, o exemplo de Jacinto Correia ficou e faria «escola» junto do povo.

Há 200 anos, Jacinto Correia pagou com a vida o protesto lavrado contra a extorsão e as humilhações praticadas pelos franceses. “Cruzes canhoto que vais para o maneta” - alcunha de Loison -, mediante tais processos de administração da ordem social mais valia morrer afrontando do que viver na humilhação. Assim, apesar das boas intenções «justiceiras» de Junot, Mafra e Jacinto Correia não constituíram um sopro abafado de revolta, tornaram-se num grito popular

que, em uníssono, tornou num tormento a presença em Portugal dos soldados do Imperador.

A revolta popular de 1808 foi, em certa medida, a revivescência do tempo da Reconquista, quando nos povoados se gritava “Mouros em terra, mouros em terra, habitantes às armas”, da crise de Aljubarrota, em que o povo alertava “o Mestre está em perigo, o Mestre está em perigo”, do 1º de Dezembro de 1640, quando o frei Heitor Pinto proclamava “El-rei Filipe bem me pode meter em Castela, mas Castela em mim é impossível”.

Em 1808, um cidadão de Mafra clamou que “se todos fossem como eu, nem um francês ficava vivo”. É com gente desta qualidade, o povo, que a Pátria Portuguesa acontece. A verdade é que o gentio luso, que somos todos nós, vela atento, nós os Jacintos Correia de ontem e de sempre fulgor!

* Professor de História Militar do Instituto de Estudos Superiores Militares

Nota:

São vários os autores que lembram a heroicidade de Jacinto Correia, dando testemunho da importância que o episódio constituiu à época, a que nem os ingleses foram alheios:

- Guilherme José Ferreira de Assunção, À sombra do Convento, Mafra, Rolo e Filhos, 3ª Edição, 1978, pp. 17-18;
- Raul Brandão, El-Rei Junot, p. 153 e pp. 205-206;
- Mário Domingues, Junot em Portugal, Lisboa, Romano Torres, 1972, p. 336;
- Fernando Pereira Marques, Exército e Sociedade em Portugal, no Declínio do Antigo Regime e Advento do Liberalismo, Lisboa, A Regra do Jogo, Janeiro de 1981;
- Robert Southey, History of the Peninsular War, 3º vol., London, John Murray, 1823-1832, citado por Maria Leonor Machado de Sousa, A Guerra Peninsular em Portugal. Relatos Britânicos, Casal de Cambres, Caleidoscópio, Outubro de 2007.

Uma fotografia Ericeirense



Esta fotografia é mesmo antiga... Tem escrito: **Ericeira, Set. 94!** 1894...

Parece tratar-se da família Batalha Reis, provavelmente uma das famílias de banhistas mais antigas a frequentar a Ericeira.

Agenda do Oceano – Sociedade de Geografia de Lisboa

22 e 23ABR (4.^a e 5.^a feiras) e 19 e 20MAI (3.^a e 4.^a feiras) - **Curso “O Transporte Marítimo”**, organizado pelo Conselho Português de Carregadores (CPC), na Associação Industrial Portuguesa, Praça das Indústrias, em Lisboa. Informação em <http://www.e-goi.com/> .

24ABR (6.^a feira) - 14:30, reunião preparatória para a constituição em Portugal de uma associação dos mergulhadores científicos, convocada pelos Prof. Pedro Neves e Emanuel Gonçalves, na biblioteca da Faculdade de Ciências do Mar e do Ambiente da Universidade do Algarve.

29ABR (4.^a feira) a 03MAI (domingo) - **6^a Feira do Mar e das Actividades Náuticas de Olhão (EXPOMAR 2009)**, no Jardim Pescador Olhanense, organizada pelo Município de Olhão.

30ABR (5.^a feira) - data-limite de entrega de resumos para o V Congresso sobre Planeamento e Gestão das Zonas Costeira dos Países de Expressão Portuguesa, a realizar entre 30SET e 02OUT, em S. Catarina (Brasil) (<http://www.coastgis.com.br/czcopp/>).

07MAI (5.^a feira) - 14:30, **palestra “Modelos Matemáticos da Evolução”**, integrada no ciclo de sessões “O Darwinismo duzentos anos depois” organizado pela Academia das Ciências de Lisboa por ocasião do bicentenário do nascimento de Charles Darwin, na sala das sessões desta Academia (Rua da Academia das Ciências, 19) (<http://www.darwin2009.pt/>).

09MAI (sábado) - 11:00, conversa informal sobre “Os Novos Submarinos da Classe «Tridente»” pelo Cte. Paulo Salgueiro Frutuoso, organizada pelo Grupo de Amigos do Museu de Marinha, no Museu de Marinha. Programa em <http://museu.marinha.pt/Museu/Site/PT/GAMMA/Programa> .

20MAI (4.^a feira) - **Dia Europeu do Mar e Dia da Marinha Portuguesa.**

22 (6.^a feira) a 26MAI (3.^a feira) - 3.^o Encontro de Embarcações Tradicionais na Baía do Seixal, organizado pela Câmara Municipal do Seixal, por intermédio do Ecomuseu Municipal.

30MAI (sábado) - **sessão evocativa dos “400 anos das primeiras observações telescópicas de Galileu Galilei e os 40 anos da alunagem da nave Apolo 11”**, integrada no Ano Internacional da Astronomia e co-organizada pelo Instituto de Cultura Europeia e Atlântica e a Academia de Marinha, na Casa de Cultura Jaime Lobo e Silva, na Ericeira (www.icea.pt).

31MAI (sábado) - **Dia Nacional do Pescador.**

04JUN (5.^a feira) a 23JUL (5.^a feira) - 18:00/20:00, 8 sessões semanais às 5.^a feiras (com excepção da 2.^a sessão, em 09JUN) do I Curso Livre “Guerra no Mar”, organizado pelo Centro de História da Universidade de Lisboa, sob coordenação dos Prof. doutores Francisco Contente Domingues e José Varandas, no anfiteatro III da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Demais informação, contactar com o Secretariado dos Cursos Livres do Centro de História da Universidade de Lisboa (tlf: 217 920 000, e-mail: centro.historia@fl.ul.pt)

05JUN (6.^a feira) - **Dia Mundial do Ambiente.**

07JUN (domingo) - Eleição dos deputados ao Parlamento Europeu.

08JUN (2.^a feira) - **Dia Mundial dos Oceanos.**

19JUN (6.^a feira) - Encontro de Embarcações Tradicionais de Vila do Conde.

20 (sábado) e 21JUN (domingo) - **Dia do Tejo**, organizado pelo Alhandra Sport Clube.

21JUN (domingo) - **Dia Mundial da Hidrografia.**

27JUN (sábado) - **Dia da Marinha do Tejo**, organizado pela Associação dos Proprietários e Arrais das Embarcações Típicas do Tejo (<http://www.anmpn.pt/eventos/2009/eventos20090123.htm>).

27 (sábado) a 29JUN (2.^a feira) - Encontro de Embarcações Tradicionais do Montijo.